



Pracinhas na segunda guerra são vistos como vítimas de interesses estranhos aos seus combates

Crítica à campanha nos campos da Itália

MARCELO AMBRÓSIO

Autor de obras iconoclastas como *Guerra do Brasil* (1987) e *República Guarani* (1982), o poeta, escritor, roteirista e cineasta Sílvio Back chega disposto a mostrar o outro lado da moeda.

Jornal de Brasília — Qual a idéia de um filme sobre a face oculta da FEB?

Sílvio Back — Surgiu da pesquisa que fazia para um filme sobre a vida do escritor Stefan Zweig, que morreu em 1942. Foi a partir do que estudei sobre a época, sobre a inclinação do governo de Getúlio para o nazi-facismo, que tive a intuição de que talvez existissem imagens inéditas a respeito da FEB em arquivos estrangeiros. Acabei encontrando, no *National Archives*, de Washington e na BBC, de Londres, o que procurava para mostrar o lado real da passagem brasileira pelas tropas aliadas no *Front italiano*, marco da entrada definitiva do País na órbita norte-americana.

No que Rádio Auriverde difere da pesquisa feita por William Waack no livro *As Duas Faces da Glória*?

O William fez um livro de historiador e eu, além da seriedade comprovada nos meus filmes anteriores, acrescentei um dado inédito que é o lado sarcástico, da paródia da história. Em função disso é que acabei descobrindo que a campanha da FEB na Itália foi uma tragicomédia.

Por que tragicômica?

Primeiro porque mostro que o Brasil não teve a importância que se atribuiu, era apenas mais um dos muitos países que integravam a tropa. Segundo, porque as imagens de brasileiros em situações jocosas, distendidas, como tocando violão, dançando travestidos ou cantando, deixam claro que os pracinhas foram para a guerra à paisana, mal preparados para um conflito de alta tecnologia. Foram enviados com espírito de turista e morreram por isso, muito embora vários se maravilhassem pelo fato de, pela primeira vez na vida, poder vestir roupas boas e comer todo dia. Meu filme é uma crítica feroz às trapalhadas e à incompetência que mataram muitos soldados, é um grito contra a falácia da heroicidade que perdurou, auxiliada, inclusive, por uma boa quantidade de cenas *encenadas* do front.

Qual é a participação de Carmem Miranda em Rádio Auriverde?

Um verdadeiro tesouro, ouro puro. Encontrei nos arquivos americanos um filme dela de 7 ou 8 minutos, cantando com o *Bando da Lua* — para as tropas americanas. É um trabalho que serviu de âncora ao meu filme e nunca foi exibido às tropas brasileiras, corroborando poeticamente, neste caso, a tese de que a *Pequena Notável* seria

uma agente dos Estados Unidos no trabalho de aproximação com o Brasil pró-eixo. Recentemente, inclusive, uma biografia americana da Carmem, feita por uma pesquisadora argentina, divulgou documentos do David Rockefeller que comprovam que ela recebia grana para levar o País na direção aliada.

Por que estes registros nunca chegaram aqui?

É o discurso do descaso, de um inconsciente coletivo premeditado que não tem interesse de mostrar o pracinha pelo seu lado humano, grande parte favelado ou analfabeto, do *lumpen*. Além disso, a sociedade brasileira não aceita que se fale dos podres do seu passado e vive esse período de baixa estima por isso, porque dialeticamente, falando nas baixarias da nacionalidade o País poderia superar estes podres. Só é possível crescer quando se reconhece tanto os erros quanto os momentos de glória. Aí reside a dignidade de um povo.

O conteúdo fortemente iconoclasta do seu filme já o levou a ser chamado de covarde e mal intencionado. O que você pensa disso?

Ninguém disse que o filme era lento, ou mal montado, ou que o som era ruim. O que se criticou foi a idéia, porque ao desmontar o mito da FEB *Rádio Auriverde* abre as portas para o desmonte de outros mitos do exército brasileiro, como eu já tinha feito com a *Guerra do Paraguai*. A diferença agora é que os guardiões dessa memória obtusa estão vivos e me acusam de estar denegrindo a imagem do pracinha. Meu filme é uma homenagem a eles.

Quanto tempo foi gasto para fazer o filme e por que este título?

Gastei dois anos e meio fazendo. O título é uma provocação com a *Hora Auriverde*, um programa que era transmitido em português pela contrapropaganda nazista, através de uma rádio italiana. Nos últimos meses de guerra, aliás, os locutores da *Hora...* eram brasileiros, dois pracinhas capturados e uma mulher que vivia em Berlim. Toda a estética do filme é calcada no modelo radiofônico deles.

Rádio Auriverde

Direção: Sílvio Back

Roteiro: Sílvio Back

Fotografia: Material de arquivo

Montagem: Francisco Sérgio Moreira

Duração: 70 minutos

Bitola: 35mm

Iniciando suas imagens com uma tomada aérea do mar e da exuberante vegetação tropical, *Independência* é um filme onde são relatados os fatos históricos e os aspectos conjunturais e econômicos compreendidos entre a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil até o ano da Proclamação da Independência do País.

Não há diálogos nem personagens em *Independência*. Toda a narração é conduzida a partir das obras de pintores do período, como Rugendas e Debret. A incursão histórica continua com imagens tiradas de gravuras, da Igreja barroca de São Francisco e da arquitetura neo-clássica surgida na época da vinda da Família Real portuguesa para o Brasil. O filme também mostra os principais fatos que contextualizam a época da Independência do Brasil, como a Queda da Bastilha e a Independência dos Estados Unidos. As imagens são conduzidas ouvindo-se ao fundo as músicas do padre José Maurício (Te Deum), Caetano Donisetti e no desfecho, o Hino da Independência.

João Batista da Andrade já dirigiu mais de 70 filmes entre ficções e documentários. Entre outros, realizou *Doramundo* (premiado em Gramado) e *O Homem Que Virou Suco* (medalha de ouro no Festival de Moscou). (Marcos Savini)

INDEPENDÊNCIA — Roteiro e direção: João Batista da Andrade. **Fotografia:** Chico Botelho. **Montagem:** Walter Rogério. **Música:** Hermelino Neder. **Som direto:** Romeu Quinto. **Pesquisa Histórica:** Maria Cristina Castilho. **Pesquisa Iconográfica:** Luclana Petrocchi. **Narração:** Élcio Sodré.



Moleque de Rua (O Nobre Pacto) é um filme para ser visto com os ouvidos. O filme é um musical-documentário sobre a banda *Moleque de Rua*. O grupo é formado por moleques e marmanjos que têm as ruas de São Paulo como seu habitat natural. Apesar de serem pouco conhecidos nacionalmente, os *Moleques de Rua* já existem há oito anos. Criados na periferia de São Paulo, o grupo inventa seus próprios instrumentos, de onde são extraídas sonoridades sempre permeadas pelo caos da megalópolis — São Paulo, num diálogo permanente com a crise urbana. O filme é uma introdução a esse diálogo entre moleques de rua.

O autor e diretor de *Moleques de Rua (O Nobre Pacto)* Márcio Ferrari é um jornalista de trinta anos. Entre 1975-1980 realizou experiências em Super-8. Em 1983, concluiu o seu primeiro curta-metragem, *Hot Dog* (16 mm). *Moleque de Rua (O Nobre Pacto)* é o seu segundo filme, realizado em 1990, dessa vez em 35 mm. Foi premiado com o Prêmio Estímulo da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

MOLEQUE DE RUA (O NOBRE PACTO) — Roteiro e direção: Márcio Ferrari. **Direção de produção:** Tata Amaral. **Fotografia:** Lito Mendes da Rocha. **Som:** Eduardo Santos Mendes e João Godoy. **Montagem:** Eduardo Santos Mendes. (Marcos Savini)



Moleque de Rua Domingo (dia 7)